

INSTITUTO DE ESPIRITUALIDADE AGOSTINIANA

# O TEMPO DA ESPERANÇA

Elementos para a renovação da vida religiosa agostiniana  
após o coronavírus



ROMA 2020



*Venham, meus amigos.  
Não é tarde demais para buscar um mundo novo,  
pois sonho com navegar para além do por do sol.  
E mesmo que já não sejamos a força de antes  
movidos céus e terra, somos o que somos,  
um mesmo temperamento de corações heróicos,  
debilitados pelo tempo e pelo destino,  
mas fortes na vontade  
para lutar, buscar e encontrar, e não render-se.*

*Come, my friends,  
'T is not too late to seek a newer world.  
[...] For my purpose holds/ to sail beyond the sunset.  
[...] We are not now that strength which in old days  
Moved earth and heaven, that which we are, we are;  
One equal temper of heroic hearts,  
Made weak by time and fate, but strong in will  
To strive, to seek, to find, and not to yield.*

(A. Tennyson, Ulysses)

Estamos num momento de crise, entendida no sentido forte do termo (*krisis*, separação, ponto de ruptura no que se decide), que nos obriga a pensar e a discernir. Em nosso caso é desejável que nos leve a mudanças profundas, a uma conversão fundamentada no próprio Evangelho. Basta desabar um só dos pilares sobre o qual construímos nosso pequeno mundo de seguranças cotidianas para que de imediato nos vejamos confrontados com o enigma do que somos.

Não deixa de ser paradoxal que um vírus, um organismo microscópico que surge tão rápido, tenha feito cambalear a inteira humanidade, jogando-a numa crise inimaginável. E é também algo muito significativo. O paradigma do mundo que conhecemos desmorona porque o vírus desbancou todo um modo de ser e de agir. Nós nos acreditávamos invulneráveis, poderosos, autossuficientes; encarnávamos um ativismo eufórico e, com frequência, prepotente. A Covid-19 derrubou nossos projetos e nossa tranquilidade. Ensinou-nos algo? Tornou-nos mais sábios? Santo Agostinho dizia que “a verdadeira sabedoria é humilde. E a verdadeira humildade é sábia”<sup>1</sup>. O que nos sucedeu é, sem dúvida, um forte apelo à humildade de nossa condição humana limitada e, quiçá suponha, também um retorno a Deus, uma Páscoa. O “*Plano para ressurgir*” que o Papa Francisco nos propõe vai nessa linha<sup>2</sup>.

Certamente não devemos nos enganar, mas olhar a verdade cara a cara: o pós coronavírus será um tempo trágico e doloroso. Por isso impõem-se a serenidade, a coragem para a inventividade e a criatividade. Já não servem as receitas de sempre. É necessário buscar novos caminhos que surgem da resposta a duas perguntas fundamentais. Como será teu serviço e tua vida de religioso a partir de agora? Como será a vida da Ordem de Santo Agostinho depois da pandemia? Ou,

---

<sup>1</sup> Santo Agostinho, *Comentário aos Salmos* 112,2.

<sup>2</sup> Cf. Francisco, “Un plan para resucitar”: *Vida Nueva*, 17 de abril de 2020; Papa Francisco, *Vida após a pandemia*, Vaticano 2020, 43-52.

dizendo com outras palavras, o que aprendemos e o que devemos mudar? Pessoal e comunitariamente.

Nada poderá ser da mesma forma. Estamos agora diante de uma daquelas encruzilhadas da História, que exige de nós uma resposta que deve ser entendida como mudança profunda. A passividade nos levará à insatisfação pessoal, a uma acelerada decadência como Ordem e à insignificância. Pelo contrário, dar uma resposta nos impulsiona a percorrer caminhos novos a partir da coerência e autenticidade e a vislumbrar um futuro. Diferente, ainda não trilhado, mas, sem dúvida alguma, de esperança.

## 1. NOS UMBRAIS DE UM MUNDO NOVO

### 1.1. A imprescindível renovação

Estamos diante do desafio da renovação: um modo de ser e de agir mais genuíno, mais autêntico. E, portanto, muito mais atraente e significativo por ser mais coerente. O Papa Francisco observou que “a criatividade do cristão tem que se manifestar em abrir novos horizontes, em abrir janelas, abrir transcendência para Deus e para os homens, e redimensionar-se na casa”<sup>3</sup>.

Abordar o problema requer superar a inércia, o conservadorismo congênito, sem medo dos desconfortos e dificuldades que, sem dúvida alguma, implica todo processo<sup>4</sup>. É apostar de maneira decisiva na necessária renovação, por meio da qual consigamos avançar em direção a um modo de vida mais consequente, mais significativo, mais feliz.

Já faz tempo que se fala de renovação, de novidade, de transformação. Estes conceitos ou outros similares frequentemente aparecem nos discursos e documentos oficiais. Mas, na realidade, o caminho se torna muito difícil e, até agora, os resultados são bastante escassos. Podemos aplicar-nos as palavras de Aldo Moro: "A verdade é que falamos de renovação e não renovamos nada. A verdade é que nos enganamos em parecer que somos originais e criativos e não o somos. A verdade é que pensamos em fazer evoluir a situação, mas estamos sempre ali, com nosso velho modo de ser e de agir, com a ilusão de que, se mudarem os outros, mudará todo o conjunto. Pois bem: Para que algo mude devemos mudar também nós"<sup>5</sup>.

Certamente a situação originada pela pandemia Covid-19 é complexa e difícil. Também é certo que a Ordem conheceu em sua História outros momentos de profunda crise: no século XIV como resultado da chamada “peste negra”, no século XVI como consequência da Reforma protestante, no XIX após as supressões e desamortizações liberais. Mas encontramos igualmente tempos de renovação profunda, de avanço, de crescimento: nas origens do século XIII e também nos momentos de crise, houve irmãos que se abriram ao Espírito e impediram

---

<sup>3</sup> Entrevista realizada por Austen Ivereigh e publicada em 8 de abril de 2020 em diversas *midia*.

<sup>4</sup> “Mesmo que se fale em capítulos, em reuniões informais ou em diversos foros de encontro, da conveniência de fazer algum tipo de reestruturação ou reorganização numa Congregação, quando se quer abordar já seriamente, o mais comum é que este tema suscite reações negativas, porque há uma predisposição para pensar que aceitamos a derrota e a decadência. Somente mais tarde, quando se veem os frutos, se considera que valeu a pena fazer tal esforço”: A. Bocos Merino, “Claves para un proceso de reorganización en los institutos religiosos”: *Vida Religiosa* 96 (2004) 386.

<sup>5</sup> A. Moro, *Lettere della prigionia*, Torino 2009, 172.

que a vida religiosa agostiniana se cobrisse de areia e de pó. E hoje agradecemos suas iniciativas, os lampejos de espírito profético, suas vivências religiosas de qualidade profunda. E suas escolhas e decisões.

Mas, como vamos nos renovar? Evidentemente, “não se trata tanto de fazer fantásticas construções prévias de algo que depois será completamente diferente e que é impossível construir de antemão no laboratório, mas viver para o essencial que depois pode encarnar-se e representar-se de novo. A este respeito é importante também uma forma de simplificação que ressalte o realmente imperecedouro e sustentável de nossa doutrina, de nossa fé. Que as grandes constantes fundamentais, a questão divina, a salvação, a esperança, a vida, o eticamente sustentável reapareçam em seus elementos principais e, de este modo, possibilitem novas sistematizações”<sup>6</sup>. Este é, sem dúvida, o caminho a empreender.

## **1.2. Uma reflexão sobre o agir**

### **1.2.1. As chaves da evangelização**

A Igreja é a sociedade formada pelos discípulos de Jesus Cristo, que começa em Jesus e que inclui Jesus. Ainda mais: a Igreja é o corpo de Cristo. Somente assim ela nos aparece em sua radical novidade, em sua originalidade, iluminada e santificada pela realidade de Cristo nela. E a partir daí podemos entender sua tarefa evangelizadora. Nosso agir é consequência da experiência de Cristo e, por isso, não é uma mera “profissão” ou “especialização”, mas um empenho evangelizador que brota do Ressuscitado e prolonga sua missão. E não esqueçamos que a promessa de Cristo não é simplesmente sobreviver, mas ressuscitar.

Frei Alejandro Moral, Prior Geral, em sua carta por motivo da Páscoa 2020, refletia sobre “a importância do tempo que nos foi dado e no qual vivemos: tão repleto de possibilidades, mas, ao mesmo tempo, tão limitado, tão fugaz”. Nós o aproveitamos? Aproveitamos de verdade a vida, tão breve, tão frágil? “Pusemos nosso entusiasmo no fazer e agora, cessada a atividade, podemos nos perguntar: tinha sentido? O sentido o encontramos sempre em outra realidade superior: o amor. Não se trata de meter-nos no ativismo, às vezes triste reflexo da vaidade e da soberba, mas de evangelizar, de ser presença de Cristo no mundo, abrindo-nos de modo concreto à misericórdia e à compaixão. Trata-se, sobretudo, de testemunhar o amor ao próximo, ao vizinho que nos interpela, “porque se não amamos aos irmãos a quem vemos, como vamos amar a Deus a quem não vemos? (1 Jo 4,20)”<sup>7</sup>.

A realidade do amor é o que dá sentido ao nosso agir. Se não for assim corremos o risco de converter-nos numa minoria fechada sobre si mesma (autorreferenciada, por utilizar um termo do Papa Francisco), que perdeu o rumo e que busca desesperadamente seguranças no que é efêmero (chame-se bem-estar material, sucesso, poder ou inclusive prazer). Devemos convencer-nos de que não se trata somente de trabalhar, mas de evangelizar; não somente de educar, mas de formar líderes cristãos e famílias cristãs; não somente de celebrar, mas de transformar. Então geraremos vida nestes tempos de morte; então nossos dias terão valido a pena; então o chamado de Deus (vocação) terá encontrado resposta; então os jovens se sentirão atraídos pelo projeto que veem refletido em nós e esta será, sem dúvida, a melhor pastoral vocacional porque será crível.

---

<sup>6</sup> J. Ratzinger, *Dios y el mundo*, Barcelona 2005, 422.

<sup>7</sup> *Carta do Prior Geral aos irmãos, irmãs e leigos agostinianos*, Roma 9 de abril de 2020.

### 1.2.2. Conhecemos o amor

Não é preciso ir muito longe. Durante esta pandemia conhecemos o testemunho de tantas pessoas que sabem passar resolutamente da lamúria para a dinâmica do serviço, arriscando a vida inclusive. E chegam-nos diariamente notícias de todos os rincões do mundo que nos falam de uma Igreja mobilizada em mais frentes cada vez mais. Muitos católicos, muitos irmãos (leigos, sacerdotes, religiosos, religiosas) entre tantos outros, se envolveram e não duviaram em dar tudo e dar-se totalmente. O Papa Francisco fala frequentemente dos “*santos da porta ao lado*”, aqueles que vivem perto de nós e são um reflexo da presença de Deus”<sup>8</sup>, conscientes de que “mesmo fora da Igreja Católica e em âmbitos muito diferentes, o Espírito suscita sinais de sua presença”<sup>9</sup>. Em sua atuação dão testemunho de amor e, portanto, são presença de Deus.

A dor, o medo, a impotência, a solidão, os dramas ocasionados pela pandemia do coronavírus fizeram brotar perguntas terríveis: onde está Deus? O que Deus está fazendo? E parece que nossa fé no Deus bom estivesse cambaleando. Seu silêncio se torna duro para alguns, como sempre acontece ao nos encontrarmos diante do mal (*mysterium iniquitatis*). Seria um erro obviar essas perguntas, ou tratar de silenciá-las. É preciso refletir sobre elas, buscar a resposta à luz de Cristo, olhando para Cristo, morto e ressuscitado<sup>10</sup>. Como cristãos que somos, não nos situemos fora da fé, mas no seu interior. E não busquemos uma resposta intelectual, mas existencial. Deus responde à dor compadecendo-a (*cum-passio*), deixando-se afetar por ela<sup>11</sup>: é o modo da resposta que nasce de sua própria essência, que é amor (*mysterium amoris*). “Nisto conhecemos o amor: em que deu sua vida por nós. Também nós devemos dar nossa vida pelos irmãos” (1 Jo 3,16). A dor gerada pela Covid-19 pode abalar nossa experiência religiosa e purificá-la, mas não deve separar-nos de Deus, pelo contrário. O Deus revelado por Cristo está (é) sofrendo no que sofre, no enfermo, no idoso, em quem está sozinho, no desvalido, no angustiado. O Deus revelado por Cristo está (é) nos médicos, nos enfermeiros, nos religiosos, nos sacerdotes, nos profissionais, em todas as pessoas, benditas sejam, que procuram aliviar o sofrimento; em quem, crentes ou não, se dá e se doa generosamente no amor. Sou, também eu, resposta de Deus? O que fiz para aliviar a dor durante esta pandemia? “Não amemos só de palavra e de boca, mas de verdade e com obras” (1 Jo 3, 18).

## 1.3. Uma reflexão sobre o ser

### 1.3.1. Quando afundam as seguranças

A reflexão sobre o agir nos leva a uma prioridade que a fundamenta: a consideração sobre o ser, a verdade do que somos, uma vez caídas as máscaras, os enganos e as falsidades com as quais, às vezes, revestimos nossa existência.

Permanece em nossa memória a impactante imagem do Papa Francisco rezando debaixo da chuva numa deserta praça de São Pedro dia 27 de março de 2020. E ressoam em nossos ouvidos suas palavras: “A tempestade desmascara nossa vulnerabilidade e deixa a descoberto essas falsas e supérfluas seguranças com as quais havíamos construído nossas agendas, nossos

---

<sup>8</sup> Exortação apostólica *Gaudete et exsultate*, Roma 2018, n. 7.

<sup>9</sup> *Id.*, n. 9.

<sup>10</sup> “Não basta nem aproveitar a ninguém o conhecimento de Deus em sua glória e em sua majestade, se não se conhece também a Ele na humildade e na ignomínia da cruz”: Martinho Lutero, *Disputa de Heilderberg*, 1518, n. 20.

<sup>11</sup> Cf. São João Paulo II, Carta Apostólica *Salvifici doloris*, Roma 1994, especialmente os nn. 16-18.

projetos, rotinas e prioridades. Mostra-nos como havíamos deixado adormecido e abandonado o que alimenta, sustenta e dá força à nossa vida e à nossa comunidade. A tempestade coloca a descoberto todas as tentativas de encaixotar e esquecer o que nutriu a alma de nossos povos; todas essas tentativas de anestesiar com aparentes rotinas “salvadoras”, incapazes de apelar a nossas raízes e evocar a memória de nossos anciãos, privando-nos assim da imunidade necessária para fazer frente à adversidade. Com a tempestade caiu a maquiagem desses estereótipos com que disfarçávamos nossos egos sempre pretenciosos de querer aparentar; e deixou a descoberto, uma vez mais, essa (bendita) pertença comum da qual não podemos nem queremos evadir-nos; essa pertença de irmãos”<sup>12</sup>.

### 1.3.2. *Metanoia*

A mudança se impõe. Mas a mudança da qual falamos não é uma transformação periférica, mas sim profunda. É o tempo do retorno a Deus, o momento de reorientar a vida. A esse respeito, são muito interessantes as reflexões do cardeal Michael Czerny: “Nestas condições excepcionais, neste tempo “de suspensão”, como uma câmara lenta que nos é imposta a todos, vemo-nos obrigados a reduzir nossos ritmos frenéticos, a mudar nossos hábitos, a inventar novas percepções, novos critérios e respostas. A quarentena rompeu a habitual rede de relações de cada um de nós. A solidão pode ser uma surpresa incômoda. O crescente número de mortos é profundamente perturbador para aqueles que nunca enfrentaram o mistério de sua própria morte. Ao aceitar-se a si mesmos e a própria vida interior, ou ao buscar consolo e tranquilidade, ou ao redescobrir as tradições em que se criaram, muitos sentiram a necessidade de buscar a Deus. Esta é uma guinada novidosa numa época na qual o progresso tecnocientífico tende a afastar as pessoas da religião. Um passo importante para buscar a Deus é revisar seriamente a própria vida. As certezas sobre as quais construímos nossa existência parecem agora cambalear e isso permite que surjam perguntas sobre o sentido: para que vivi? Para que viverei? Sou capaz de ir além de mim mesmo?”<sup>13</sup>.

Não haverá renovação sem *metanoia*; não haverá futuro sem renovação interior, sem uma conversão profunda que nos permita viver de forma radical a vocação, o carisma suscitado pelo Espírito para o bem da Igreja. “Quem crê, espera e ama algo diferente, necessariamente há de viver de forma diferente”<sup>14</sup>. É o momento das opções de risco porque estamos nos lançando para o futuro. Perseguem-nos três tentações principais contra as quais temos de lutar: a tentação de fechar os olhos e não querer olhar; a tentação de tentar voltar ao modo de vida anterior, como se nada tivesse acontecido; a tentação de limitar-nos a deixar-nos levar pelos problemas diários. Provavelmente nos ajude a constatação da própria fragilidade, o fugaz de nossa existência e a realidade da morte, que pode nos chegar a qualquer momento pondo fim a tanta falsidade sobre a qual edificamos a vida. Verdadeiramente estamos nos lançando muito.

O dilema já é colocado por Santo Agostinho na *Cidade de Deus*. O desejo de felicidade implica escolher e isso o fazemos em nossas decisões cotidianas com as que orientamos nossa vida. O amor é anelo e desejo, desejo que anela, afeto fundado na escolha (*dilectio*). O amor do que é baixo (*cupiditas*) configura a cidade terrena; o amor do que é eterno (*caritas*) configura a cidade celeste. Não é que o amor do que é baixo não deva ser amado, mas amá-lo como fim em si mesmo é enganar-se e frustrar o insuperável desejo de felicidade (*beatitudo*). Por isso a cidade

---

<sup>12</sup> *Momento extraordinário de oração em tempos de pandemia presidido pelo Santo Padre Francisco, Átrio da Basílica de São Pedro, sexta-feira, 27 de março de 2020.*

<sup>13</sup> M. Czerny, “La Iglesia frente a la emergencia del Covid-19”: *Religión Digital*, 22 de abril de 2020.

<sup>14</sup> Santo Agostinho, *Réplica a Fausto*, 20,23.

terrena, na qual já se mostra (*spes*) a cidade celeste, se vive em trânsito (*peregrinatio*) em direção à meta (*patria*). O verdadeiro amor busca sempre a eternidade<sup>15</sup>. É o momento da decisão, da mudança: “Enquanto eu dizia essas coisas, e se alternavam esses ventos, e agitavam daqui para lá meu coração, o tempo ia passando, e eu demorava em converter-me ao Senhor, e adia dia após dia viver em Ti, ainda que não adiasse morrer todos os dias em mim. Amando a vida feliz eu a temia onde se achava e a buscava dela fugindo”<sup>16</sup>.

### 1.3.3. Voltar ao amor primeiro

Já o Concílio Vaticano II ressaltava o caráter “radical” da vida consagrada, insistindo na entrega *total* ao serviço de Deus e na necessidade de amá-lo *acima de tudo*<sup>17</sup>. É a nossa resposta ao chamado à santidade, própria de todos os cristãos, entendida como plenitude da vida cristã na caridade perfeita. As Constituições da Ordem nos recordam que fomos chamados a seguir mais de perto a Cristo e a mostrar mais plenamente a consagração batismal<sup>18</sup>.

No entanto, já se vem insistindo faz tempo sobre a necessidade de reestruturação, de revisão, de mudança. Basta ler as atas dos últimos Capítulo Gerais e dos Capítulos das circunscrições. O Papa Francisco foi muito claro e referiu-se a alguns aspectos de debilidade na vida consagrada de hoje: “por exemplo, a resistência de alguns setores à mudança, a diminuta força de atração, o número não irrelevante de abandonos, a fragilidade de certos itinerários formativos, o afã pelas tarefas institucionais e ministeriais em detrimento da vida espiritual, a difícil integração das diversidades culturais e geracionais, um problemático equilíbrio no exercício da autoridade e no uso dos bens”<sup>19</sup>.

Podemos adicionar alguns outros: o chamado “pensamento líquido”, as lideranças frágeis, a mundanidade, o materialismo, a busca prioritária do conforto, as opções pelos mínimos, a perda do sentido do serviço, a profissionalização, o auge do individualismo, o localismo e o nacionalismo, o enfraquecimento do sentido de Ordem, a insuficiente presença nos foros culturais. O Papa Francisco nos animava a pensar nessas fraquezas, a estar à escuta dos sinais do Espírito, que abre novos horizontes e impulsiona por novas sendas, e a trabalhar com generosidade e audácia.

Seria ilusório a pretensão de oferecer um recitatório de medidas e remédios que pudessem curar de vez nossos males. Não há atalhos, não há mágica. O caminho é árduo, difícil e provavelmente lento. Ao mesmo tempo, sem dúvida alguma, a renovação é possível; há esperança. Mas devemos arregaçar as mangas.

Uma resposta cristã exclui uma série de atitudes que não são compatíveis com a fé em Cristo nem com a bondade de Deus. Devemos prescindir de sentimentos negativos, como o medo, o saudosismo, o abandonismo, o derrotismo, a incompatibilidade. Essas atitudes não são compatíveis com uma postura de fé e fidelidade. Havemos de assumir as responsabilidades e

---

<sup>15</sup> Cf. J.D. Jiménez, “Opus imperfectum. Pensamiento agustiniano y mundo actual”: *San Agustín, un hombre para hoy. Congreso Agustiniiano de Teología, Buenos Aires 26-28 de agosto de 2004, vol. II*, Buenos Aires 2006, p. 27.

<sup>16</sup> Santo Agostinho, *Confissões* 6,11,20.

<sup>17</sup> Cf. *Lumen Gentium* 44.

<sup>18</sup> *Constituições* 1.

<sup>19</sup> *Discurso aos participantes na plenária da Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica*, Roma 27 de novembro de 2014.

as exigências do carisma agostiniano, com as exigências básicas: a fidelidade e a evangelização. Não se deve pretender mudanças súbitas ou novidades milagrosas, repentinas, gratificantes. Nem vale tampoco repassar as responsabilidades para os demais. Assim, uma após outra, vamos fugindo da responsabilidade, sem mudar nada. Devemos assumir nossa própria responsabilidade: pessoal, comunitária, institucional.

Temos um grande patrimônio espiritual. Sem fazer ruído, em nossa Ordem há muitas pessoas que amam o Senhor e estão dispostas a trabalhar, contamos com uma grandiosa história e uma grande realidade atual que às vezes não valorizamos e, sobretudo, podemos e devemos contar com a ajuda do Senhor, com a força de seu Espírito e a bondade das pessoas. A primeira coisa que se impõe é contar com o que temos, mobilizar os que somos, conscientizar-nos, animar-nos, ser mais coerentes, dar exemplo de fidelidade, de satisfação, de eficácia. Viver com alegria e santidade, até que digam: “Vejam como vivem; queremos viver como eles e com eles”.

#### **1.4. Teus filhos e filhas profetizarão**

##### **1.4.1. Gerar esperança num mundo dividido**

Tudo isso nos leva a refletir brevemente sobre uma exigência importante. “Assim como os profetas surgiram sempre em épocas de crises para anunciar a vontade de Deus ao povo de Israel, também na história da Igreja as ordens religiosas sempre tiveram uma vocação profética. E ofereceram uma resposta, na Igreja e na sociedade, aos anseios das pessoas<sup>20</sup>. Sim, o movimento mendicante soube ler os sinais dos tempos num determinado momento histórico e compreender que havia chegado o momento de libertar-se das ataduras sociais e econômicas, de dar valor à universalidade e à pobreza do Evangelho e de encarnar a “vida apostólica”. Assim puderam mostrar o verdadeiro rosto de uma Igreja animada pelo Espírito Santo e guiada por Cristo<sup>21</sup>. E se converteram num alegre motor de renovação e reforma. Podemos perguntar-nos: neste determinado momento histórico, o que o Senhor está pedindo à nossa Ordem e a cada um de nós? A que nos impulsiona o Espírito?

As Constituições nos dizem claramente que, “quando respondemos fielmente à nossa profissão, aparecemos como um sinal profético para todo o Povo de Deus<sup>22</sup>. A nota que caracteriza a vida consagrada é a profecia e um religioso nunca deve renunciar a ela<sup>23</sup>. Já se disse que estamos numa época sem profetas e isso coincide com a crise da vida religiosa. Por isso o Papa insiste em que precisamos de profetas, ou seja, “homens de esperança”, sempre “diretos” e nunca “fracos”<sup>24</sup>. Nestes momentos a necessidade se converte em urgência.

---

<sup>20</sup> A. Rauti, “Prefazione”: *Vita Consacrata: Mistica e Profezia. Bollettino UISG* 141 (2009) 2.

<sup>21</sup> Cf. *Entrevista de Niels Christian Hvidt al cardenal Joseph Ratzinger*: Sítio web da Congregação para o Clero, 29 de setembro de 2017

<sup>22</sup> *Constituições* 55. Cf. também 33.69.73.

<sup>23</sup> Cf. A. Spadaro, “¡Despierten al mundo! Diálogo del Papa Francisco sobre la vida religiosa”: *La Civiltà Cattolica* (2014-I) 3-17.

<sup>24</sup> Francisco, *Missa na Domus Sanctae Marthae*, 17 de abril de 2018.

O que é um profeta? Quais são suas características?<sup>25</sup> Podemos resumí-las em três: paixão pela verdade, união íntima com Deus, disponibilidade para entregar a própria vida<sup>26</sup>. O profeta diz a verdade porque está em contato com Deus; por isso pode tornar presente a verdade divina neste momento histórico, iluminar o futuro e indicar o caminho a se empreender. Este conhecimento experiencial de Deus, o falar com Deus face a face, como se fala com um amigo (cf. Ex 33,11), é imprescindível. A partir daí pode anunciar e denunciar. Não o faz, porém, “desde cima”, mas “desde dentro”, podemos dizer que “é com os outros e para os outros”. Tampouco é um “profeta de calamidades”, na célebre expressão de São João XXIII, mas um gerador de esperança. Não é morno nem ambíguo, é sempre direto, mas acompanha seus irmãos, chora com eles e por eles e os ajuda a curar. Deixando-se guiar pelo Espírito Santo, anuncia esperança e salvação aos pobres e excluídos e se dedica ao serviço de todos, sem privilégios nem exclusões. O profeta, em definitiva, acolhe em si mesmo a vontade do Pai e se compromete a testemunhá-la fielmente aos demais<sup>27</sup>.

O verdadeiro profeta, se realiza bem a sua missão, arrisca a sua pele e não tem uma vida fácil. É rechaçado porque sua palavra questiona a calma do *status quo*, o imobilismo, a rotina, a mandanidade, a vaidade e a arrogância. Os profetas são perseguidos e busca-se silenciá-los porque incomodam. Para dispor-se a dar a vida, para compartilhar a cruz de Cristo, é necessário muito amor (“ninguém tem maior amor do que aquele que dá a vida por seus amigos”: Jo 15,13), por isso torna-se imprescindível a união com o Senhor, o conhecimento experiencial de Cristo, Amor encarnado. Aí podemos então entender as rotundas palavras de Santo Agostinho: “Assim, pois, de uma vez te é dado este breve preceito: Ama e faz o que quiseses: se calas, cala por amor; se gritas, grita por amor; se corriges, corrige por amor; se perdoas, perdoa por amor. Exista dentro de ti a raiz da caridade; de tal raiz não pode brotar senão o bem”<sup>28</sup>. O amor é, pois, garantia e fortaleza.

#### 1.4.2. Caminhos de juventude

Em sua mensagem aos agostinianos e agostinianas jovens<sup>29</sup>, o Prior Geral, Frei Alejandro Moral, expressava sua convicção de que “se nossos anciãos se animam a sonhar e nossos jovens a profetizar (cf. Joel 3,1), estaremos cultivando uma semente de esperança que sem dúvida alguma florescerá e dará fruto. Num mundo em que parece haver-se perdido o rastro de Deus, é urgente um audaz testemunho profético por parte dos consagrados”. Nesta carta, talvez um dos documentos de maior impulso renovador na Ordem nos últimos anos, se constatava a necessidade de “preparar a Ordem para um tempo novo, redescobrimo a essencialidade, a beleza e a alegria de ser agostinianos”. E prosseguia: “Necessitamos uma profunda renovação para viver com radicalidade, nesta época, o carisma suscitado pelo Espírito. Devemos sacudir de nós a rotina e a resignação, ser criativos, envolver-nos, assumir riscos. Sempre a partir da verdade, à qual se chega pela conversão do coração”. E pedia aos jovens: “sejam protagonistas deste imprescindível processo renovador. A Ordem tem necessidade de vocês. A renovação somente será possível a partir das opções pessoais e da vitalidade dos pequenos grupos, como fermento e levedura. Oxalá nos Capítulos, nos encontros, nas reuniões, a voz dos jovens irrompa

---

<sup>25</sup> Cf. O prefácio escrito por Joseph Ratzinger ao livro de Niels Christian Hvidt, *Christian Prophecy. The Post-Biblical Tradition*, Oxford 1998. Também *Entrevista de Niels Christian Hvidt al cardenal Joseph Ratzinger*: Sítio web da Congregação para o Clero, 29 de setembro de 2017.

<sup>26</sup> Cf. João Paulo II, Exortação apostólica pós-sinodal *Vita consecrata*, Roma 1996, 84-85.

<sup>27</sup> Francisco, *Missa na Domus Sanctae Marthae*, 17 de abril de 2018; *Angelus*, 3 de fevereiro de 2019.

<sup>28</sup> Santo Agostinho, *Tratados sobre a Primeira Carta de São João* 7,8.

<sup>29</sup> *Mensagem do Prior Geral aos agostinianos e agostinianas jovens*, Roma, 24 de abril de 2018.

como uma torrente de vida e novidade, oxalá seu testemunho nos sacuda e nos provoque, oxalá sejam comunicadores de verdadeiro entusiasmo”.

Parafraseando o Papa Francisco, não podemos somente dizer que os jovens são o futuro da Ordem. São o presente, eles o estão enriquecendo com sua contribuição<sup>30</sup>. Neste momento da História, neste mundo convulsionado pela pandemia Covid-19, nesta encruzilhada, a Ordem necessita mais do que nunca da voz profética dos jovens.

## **2. DESAFIOS PARA UM TEMPO DE TORMENTA**

Apresentamos agora alguns temas para aprofundamento, que brotam das considerações anteriores e da atenta reflexão sobre este momento presente. O desejo é ajudar a situar-nos, como agostinianos, num mundo que mudou como resultado da pandemia Covid-19 e no qual se nos apresentam várias urgências muito concretas, muito práticas. E que, para isso, nos exigem opções claras e corajosas.

### **2.1. Renovar a vida espiritual**

#### **2.1.1. O centro de nossa vida é um só e é Cristo**

É preciso recordar que toda renovação exterior vem da conversão interior e não ao revés. Toda mudança de estruturas será em vão se não vier acompanhada de uma renovação interior. Mais ainda, torná-lo-á impossível. Portanto, encontramos-nos com um aparente problema, que surge em algumas conversas e que se esgrime como argumento imobilista: de nada nos serve iniciar caminhos novos se não mudarmos a nós mesmos, de forma que esperamos a conversão de todos se quisermos abrir-nos para a novidade. O resultado da aplicação deste postulado é, nem mais nem menos, o estancamento. Passa o tempo e as reformas, se é que chegam, acontecem num ritmo insuficiente, não somente para dinamizar nossa vida religiosa, mas nem sequer para frear sua decadência.

“Cremos no amor de Deus: assim pode expressar o cristão a opção fundamental de sua vida. Não se começa a ser cristão por uma decisão ética ou uma grande ideia, mas pelo encontro com um acontecimento, com uma Pessoa, que dá um novo horizonte à vida e, com isso, uma orientação decisiva”<sup>31</sup>. A renovação da vida espiritual pressupõe uma atitude básica: a consciência clara de ser religiosos, de ser consagrados. Porque o que nos define basicamente é a relação com Cristo e o encontro pessoal com ele, que nos chama a segui-lo através de um carisma determinado (agostiniano neste caso). Como podemos falar de renovação se, às vezes, parece que a dimensão religiosa de nossa vida ficou obscurecida? Santo Agostinho, seguindo São Paulo (cf. Gal 2,20), recorda que o cristão é Cristo, pelo qual deve seguir seu mesmo caminho e viver dignamente conforme o batismo que recebeu. Com mais razão o religioso deve levar o que São João Paulo II denominou “existência cristiforme”<sup>32</sup>, já que o fundamento da vida consagrada está na especial relação de Jesus com alguns de seus discípulos, aos quais convida não somente a acolherem o Reino de Deus, mas a colocarem a própria existência ao serviço desta causa, deixando tudo e imitando de perto sua forma de vida.

---

<sup>30</sup> Cf. Francisco, Exortação apostólica pós-sinodal *Christus vivit*, Loreto 2019, 64.

<sup>31</sup> Bento XVI, Carta encíclica *Deus caritas est*, Roma 2005, 1.

<sup>32</sup> São João Paulo II, Exortação apostólica pós-sinodal *Vita Consecrata*, Roma 1996, 14.

Quando isso não acontece, quando perdemos a dimensão cristocêntrica de nossa consagração, quando essa mesma linguagem se nos torna estranha, quando o sol se torna insofrito e a luz deixa de brilhar, sentimo-nos extraviados e sem saber o que fazer ou que decisões tomar. Então, instalados em nossas seguranças, correremos o perigo de viver na mentira de quem se deixa seduzir pelos critérios do mundo e seremos, portanto, presas da morte. Somente Cristo é Caminho, Verdade e Vida (cf. Jo 14,6). Evidentemente todos, em teoria, temos a clareza de que Cristo é o centro de nossa vida: pensamos, dizemos, ensinamos isso. Mas, nós o vivemos na realidade cotidiana? As palavras de Santo Agostinho são enormemente claras a esse respeito: “Se achamos que a própria Escritura nos diz que se nega não somente com a língua, mas também com as obras, sem dúvida encontraremos muitos anticristos que confessam a Cristo com a boca e o negam com os costumes [...]. Cada árvore se conhece por seu fruto. O anticristo mais mentiroso é o que confessa com a boca que Jesus é Cristo e o nega com as ações. E é mendaz porque diz uma coisa e faz outra”.<sup>33</sup>

### 2.1.2. Interioridade e Verdade, apenas conceitos?

Por isso, a primeira urgência é a de recuperar o cultivo da vida interior e de uma sã vivência espiritual. “A conversão supõe colocar novamente a Deus em primeiro termo. Então tudo muda. E que se pergunte pelas palavras de Deus para deixar que elas iluminem, como realidades, o interior da própria vida. Por assim dizê-lo, devemos arriscar-nos novamente a fazer a experiência com Deus a fim de deixá-lo agir em nossa sociedade”<sup>34</sup>. Já faz algum tempo que encontramos uma particular insistência nos documentos da Ordem sobre esse tema, uma vez que “a interioridade é o centro da vida, o núcleo fértil do ser humano onde habita o mistério. Viver fora é viver no exílio e no vazio”<sup>35</sup>. É um chamado para não nos deixarmos envolver pelo laicismo e o secularismo que crescem e que nos afeta de cheio, um chamado a reavivar o sentido cristão da vida, a cuidar dos tempos e formas de oração, a fugir da rotina e do formalismo, a priorizar o silêncio. Nem a vida comunitária nem o apostolado são possíveis se não o forem a partir do encontro com Deus. Do contrário se dissolvem no egoísmo, no ativismo ou em sociologismo<sup>36</sup>. Pois “a finalidade de todo retorno ao coração é justamente poder sair fora, transcender-se sobre o próprio eu, abandonar o próprio eu, para abrir-se a Deus e às pessoas que estão ao nosso lado”<sup>37</sup>.

A resposta a esse chamamento deve dar-se tanto de forma individual, com uma firme decisão da pessoa pelo cuidado prioritário da vida interior, como também comunitária, não somente nas programações, mas sobretudo nas escolhas, na escala de valores que fundamenta e move nossas decisões. O Papa São João Paulo II dirigiu um pedido muito claro aos agostinianos: “Sejam os *pedagogos da interioridade* ao serviço dos homens do terceiro milênio na busca de Cristo”<sup>38</sup>. Daqui a especial atenção com que se deve cuidar deste aspecto na etapa formativa, sua particular

---

<sup>33</sup> Santo Agostinho, *Tratados sobre a Primeira Carta de São João* 3,8.

<sup>34</sup> Bento XVI, *Luz en el mundo*, Barcelona 2010, 76.

<sup>35</sup> “Agustinos en la Iglesia para el mundo de hoy”. Documento do Capítulo Geral Intermédio, Villanova 1998: *Libres bajo la gracia III*, Roma 2001, 80.

<sup>36</sup> Cf. M. Nolan, “El grito del corazón. Carta del prior general con ocasión de la clausura del XVI centenario de la conversión de San Agustín y de la muerte de Santa Mónica, Roma 13 de noviembre de 1987”: *Libres bajo la gracia II*, Roma 1999, 253-254.

<sup>37</sup> T. van Bavel, *Cuando tu corazón ora...*, México 2001, 56.

<sup>38</sup> São João Paulo II, “Discurso a los participantes en el Capítulo General Ordinario, Castelgandolfo 7 de setembro de 2001”: *Capítulo General Ordinario 2001. Documentos y determinaciones*, Roma 2001, 36.

presença nos diversos grupos e fraternidades e a crescente sensibilização nos religiosos e religiosas submersos na atividade apostólica. A esse respeito é necessário destacar o pulmão espiritual que representa para a família agostiniana as monjas de vida contemplativa. Devemos continuar avançando no caminho empreendido com renovado vigor, crescente dinamismo e gozosa criatividade.

### 2.1.3. O tempo das igrejas vazias

A Eucaristia, sacramento de piedade, sinal de unidade e vínculo de caridade<sup>39</sup> é fonte e cume de toda a vida cristã.<sup>40</sup> Ocupa um lugar central na vida da Igreja<sup>41</sup> e, portanto, na de nossas comunidades e na própria realidade como cristãos e consagrados. O confinamento como prevenção contra a pandemia levou a que, em muitos lugares e durante um prolongado período de tempo, os fieis (e as monjas, em grande medida) não pudessem receber os Sacramentos, especialmente a Eucaristia e a Reconciliação. Também se pôde participar de reuniões eclesiais, sendo o comunitário um elemento essencial da fé e da celebração cristãs. Nas comunidades de religiosos, mesmo com medidas preventivas, no entanto, se continuou a celebrar a Eucaristia. Isto nos deve fazer refletir. Somos conscientes do grande dom que ela representa? Como a vivenciamos? Não se trata de um “luxo espiritual”, mas da fonte de graça da qual vive a Igreja, que nos une a Cristo (que nos transforma Nele, dirá Santo Agostinho<sup>42</sup>). De que forma concretizamos a solidariedade e a proximidade orante com todos os fieis que não puderam receber a Eucaristia neste período? O próprio Papa Francisco convidou os sacerdotes para estarem próximos dos fieis, a levar a Palavra de Deus e a Eucaristia aos enfermos e a acompanhar os agentes sanitários e os voluntários. Certamente se nos impõe uma reflexão serena e profunda.

O tempo de confinamento e as dificuldades vividas produziram um evidente impulso para a oração. Quando as seguranças cambaleiam, surgem perguntas sobre o sentido. A fragilidade nos leva à busca de confiança e a voltar o coração para Deus: “reza quem espera, quem se sabe necessitado. E tem esperança quem reza. A oração é intérprete da esperança”<sup>43</sup>. É preciso, sim, purificar o desejo, robustecer a chama vacilante. Mas é uma excelente possibilidade e um desafio: facilitar e acompanhar a oração dos que buscam e ser instrumento para o encontro com Cristo. Mas ninguém dá o que não tem. Isso nos leva a perguntar-nos também por nossa oração pessoal e comunitária: qualidade, tempos, modos. Como cultivamos nossa relação vital com Cristo? As Constituições dedicam 8 números para falar da oração<sup>44</sup>. Somente na oração podemos discernir, podemos ver, e podemos encontrar a força necessária para percorrer o caminho que nos pede o Senhor.

Mas, o que é a oração? Santo Agostinho responde essa pergunta dizendo que é uma conversa com Deus, um diálogo com ele<sup>45</sup>. Um diálogo de amor que brota do coração, do profundo de nosso ser: “Assim como é próprio dos hipócritas exhibir-se em oração, e não têm outro fruto

---

<sup>39</sup> Cf. Santo Agostinho, *Tratado sobre el Evangelio de São João* 26,13.

<sup>40</sup> Lumen Gentium 11.

<sup>41</sup> Cf. São João Paulo II, Carta encíclica *Ecclesia de Eucharistia*, Roma 2003; Bento XVI, Exortação apostólica pós-sinodal *Sacramentum caritatis*, Roma 2007.

<sup>42</sup> Cf. Santo Agostinho, *Sermão* 227,1.

<sup>43</sup> Cf. Conferência Episcopal do Uruguai, *Caridad y oración frente a la pandemia*, Montevideo 18 de março de 2020.

<sup>44</sup> Cf. *Constituições* 84-91.

<sup>45</sup> Cf. Santo Agostinho, *Comentário aos Salmos* 85,1.7.

senão a aprovação dos homens, assim também é próprio dos pagãos, isto é, dos gentis, imaginar que à força de palavras serão ouvidos. Não devemos nos dirigir a Deus com palavras, mas com os sentimentos que temos na alma e com a direção de nosso pensamento, junto com um amor puro e um afeto simples”<sup>46</sup>. Esta é a oração que Agostinho define como “clamor do coração”<sup>47</sup> e que constitui um elemento essencial para a nossa vida e missão. Se as comunidades religiosas, nossas comunidades, devem apresentar-se na Igreja e ser percebidas como comunidades orantes<sup>48</sup>, a oração não deve ocupar um lugar marginal, nem ver-se envolta no descuido ou numa rotina; nem confundir-se com o devocionismo ou com o ativismo; nem pode remeter-se somente ao individual. Aqui temos um amplo espaço para a reflexão e aqui encontramos também uma das chaves de nosso futuro. A vida consagrada nos tempos posteriores ao coronavírus deverá ser testemunho do essencial, do verdadeiro.

## 2.2. Regenerar a vida comunitária

### 2.2.1. Espaços de encontro

O bispo maltês Mario Grech, pró-secretário geral do Sínodo dos Bispos, homem muito próximo aos agostinianos, dizia recentemente que “um aspecto positivo do atual distanciamento social obrigatório é que gradualmente estamos chegando a apreciar mais a “cultura do encontro”. O encontro evoca diálogo, pontes, solidariedade, fraternidade, caridade e misericórdia. Jesus é uma figura inspiradora e líder em tudo isso!”<sup>49</sup>. Talvez tenhamos redescoberto a beleza de estar juntos, a necessidade que temos dos outros, o valor do refúgio no grupo quando chega a crise, quando sopram ventos de desolação e morte. A Igreja (comunidade) é sempre testemunho e presença de amor e vida. Neste tempo da pandemia Covid-19 provavelmente nossa vida comunitária tenha se robustecido, mesmo de forma obrigada ao não podermos sair. Devemos refletir. Trata-se de uma miragem, de uma ilusão? Continuam vivas em nós as venenosas raízes do individualismo? Descobrimos, de verdade, o que significa a comunidade na vida religiosa agostiniana? Por onde devemos avançar?

Talvez devamos retomar a reflexão sobre o agostiniano. Certamente admiramos Santo Agostinho, provavelmente o amamos. Mas também devemos identificar-nos com sua proposta espiritual. Corremos o perigo de limitar-nos a fazer dele uma pedreira de citações ou um nome constantemente repetido, mas com escassa influência em nossas decisões e escolhas. Ou de nos resignarmos comodamente em achar que Santo Agostinho seja patrimônio de um clube de esforçados e beneméritos especialistas, sem dar-nos conta de que o exemplo e o ensinamento do Bispo de Hipona devem empapar o que somos e o que fazemos, não somente numa dimensão teórica, mas eminentemente existencial, vital. Outro perigo é o de centrar-nos de forma exclusiva em Santo Agostinho, esquecendo a tradição da Ordem, sua história, suas figuras espirituais. No caso que nos ocupa, a reflexão sobre a comunidade agostiniana tem um alcance muito maior que o recurso a uma série de citações de Santo Agostinho. É preciso muito mais: a consideração deste tema no arco de toda a tradição da Ordem, a necessária verificação com a realidade do mundo de hoje, o enriquecimento com os matizes procedentes das realidades culturais, junto ao fortalecimento da unidade na qual as diferenças encontrem sentido. Entender melhor o que é essencial e o que é acessório. E tudo isso para não diluir, mas para robustecer, para viver o carisma, o que nos identifica como agostinianos. É uma tarefa necessária.

---

<sup>46</sup> Santo Agostinho, *O Sermão da montanha* 2,3,12-13.

<sup>47</sup> Cf. Santo Agostinho, *Comentário aos Salmos* 118,29,1.

<sup>48</sup> Cf. *La dimensión contemplativa de la vida religiosa. Plenaria SCRIS*, Vaticano marzo de 1980.

<sup>49</sup> Pensamento escrito em sua conta de *facebook*, 20 de março de 2020.

### 2.2.2. Um conceito forte

A vida comunitária é o santo e o sinalizador da identidade agostiniana. E a razão de ser da comunidade não é outra senão buscar, encontrar e possuir a Deus. Assim, pois, não esqueçamos que se trata de um conceito muito forte de comunidade: "*anima una et cor unum in Deum*"<sup>50</sup>, prática aprimorada do preceito do amor: "Que busca o amor senão ligar-se ao que ama e, se for possível, fundir-se com ele?"<sup>51</sup>. Efetivamente, "a comunhão como valor e a comunidade como estrutura constituem contemporaneamente nosso ideal de vida e o ponto de partida de nossa missão na Igreja e no mundo. Para nós, como agostinianos, são pontos de referência obrigatórios na hora de examinar a situação atual e o caminho futuro da Ordem. A Igreja é comunhão em Cristo. A Ordem é a comunhão de irmãos num só coração e numa só alma dirigidos para Deus. A sociedade anela pela solidariedade da comunhão humana. O percurso da Ordem nos últimos vinte anos e todos os documentos emanados nesse tempo assinalam claramente a comunhão e a comunidade como o núcleo de identidade e o caminho do porvir que a Ordem assinalou para si mesma"<sup>52</sup>.

Por isso, neste tempo em que encontramos tanta dor causada pelo coronavírus, neste momento também também de profunda transformação, em que surge um mundo diferente, reivindicamos a dimensão profética da comunidade agostiniana: "Profetismo para dentro – para manter vivas a fidelidade e a conversão – e profetismo para fora, que significa crer de verdade no caráter simbólico de nossa vida"<sup>53</sup>. Nossa aposta não é de mínimos, mas de máximos; não se limita a manter e ocasionalmente recuperar alguns sinais externos como, por exemplo, no caso dos religiosos, morar juntos numa mesma casa, rezar juntos, compartilhar os bens (se por acaso...) e, ocasionalmente, trabalhar em atividades comuns. Tampoco se limita à possibilidade de participação e aos critérios democráticos nas estruturas de governo. A vida fraterna agostiniana vai muito mais além: não é mera coexistência, mas comunhão; é o empenho para que as almas e os corações de quem vive junto se fundam em um só pela caridade e se centrem para Deus<sup>54</sup>. Tudo o mais será meio para conseguí-lo ou consequência que brota de sua realização.

Cuidemos, pois, dos aspectos estruturais, como, por exemplo, o número adequado de membros em nossas comunidades (a proliferação de comunidades excessivamente pequenas é um erro e sobre isso se dialogou plenamente durante o Capítulo Geral de 2019); é evidente que devemos tomar decisões corajosas a esse respeito. Cuidemos também dos meios para fomentar o diálogo e a comunicação humana e espiritual, mas cuidemos sobretudo e antes de tudo das opções pessoais e comunitárias numa atitude de contínua revisão e atualização. Assim mesmo, necessitamos desenvolver muito mais o sentido de Ordem: uma grande família, na unidade a partir da pluralidade. Colocamos o acento nas diferenças (culturais, nacionais...). Sem querer negá-las, este tempo vinculado à pandemia Covid-19 nos exige colocar o acento na unidade,

---

<sup>50</sup> Santo Agostinho, *Regra*. 1, 3.

<sup>51</sup> Santo Agostinho, *A Ordem*. 2, 18, 48.

<sup>52</sup> M.A. Orcasitas, "La comunidad agustiniana entre el ideal y realidad. Carta a la Orden en preparación del Capítulo General Intermedio de 1992, Roma, 28 de agosto de 1991": *Libres bajo la gracia III*, Roma 2001, 29.

<sup>53</sup> "Agustinos en la Iglesia para el mundo de hoy. Documento do Capítulo Geral Intermédio, Villanova 1998": *Libres bajo la gracia III*, Roma 2001, 83.

<sup>54</sup> Cf. T. Tack, "La comunidad agustiniana y el apostolado. Mensaje del prior general a toda la Orden, 26 de noviembre de 1974": *Libres bajo la gracia I*, Roma 1979, 149; cf. "Capítulo Geral Intermédio 1974, Dublín. Documento de Dublín": *Libres bajo la gracia II*, Roma 1999, 81.87-89.

único modo para que as diferenças sejam motivo de enriquecimento, enquanto compartilhadas e participadas, e não de empobrecimento, separação ou confronto. Uma Ordem, uma família, não uma multiplicidade de “pequenas ordens”, pequenos “reinos” insustentáveis que derivam para o localismo e ao individualismo, negando assim a essência do carisma agostiniano.

A comunidade agostiniana não é egoísta nem ensimesmada, não se isola nem se entrincheira, mas se abre ao mundo, “é” no mundo. A esse respeito recordemos as indicações do Papa Francisco, que nos convida a deixar-nos guiar pelo “sopro do Espírito que abre horizontes, desperta a criatividade e nos renova na fraternidade para dizer “presente” (ou, eis-me) perante a enorme e inadiável tarefa que nos espera. É urgente discernir e encontrar a pulsação do Espírito para dar impulso, juntamente com outros, a dinâmicas que possam testemunhar e canalizar a nova vida que o Senhor quer gerar neste momento concreto da história. [...] Este é o momento propício para encontrar a coragem de uma nova imaginação do possível, com o realismo que só o Evangelho nos pode oferecer. O Espírito, que não se deixa fechar nem instrumentalizar com esquemas, modalidades e estruturas fixas ou caducas, propõe-nos que nos unamos ao seu movimento, capaz de ‘renovar todas as coisas’ (Ap 21,5)”<sup>55</sup>.

## 2.3. Repensar a solidariedade

### 2.3.1. Opção pelos pobres

Se para Santo Agostinho o ideal da vida religiosa é o "*cor unum et anima una in Deum*", podemos entender que a pobreza seja para ele uma consequência lógica da "profissão de santidade" daqueles que, vazios de si e a partir da pobreza de espírito refletida na humildade, têm em Deus a única riqueza<sup>56</sup>. Da mesma maneira o movimento mendicante ao qual pertence nossa Ordem desde suas origens, procurou voltar à radicalidade evangélica na imitação de Cristo pobre, ou seja, à *Ecclesiae primitivae forma*, não somente no aspecto pessoal, mas também comunitário. Nesse contexto, a opção pelos pobres é o rosto do amor: de olhos abertos e mãos ativas, fermento na história e semente de uma civilização alternativa: a civilização do amor<sup>57</sup>. Estamos ao serviço da pessoa humana, de sua dignidade.

A luta contra a pobreza estende-se à construção de uma sociedade melhor e mais justa. O exemplo de Santo Agostinho é esclarecedor. “Não é próprio do bispo – assinala – guardar o ouro e afastar de si a mão do mendigo”<sup>58</sup>. Assim, pois, a pobreza no pensamento agostiniano é também abertura de amor aos necessitados, especialmente aos mais pobres, exercício de solidariedade com eles, tornar própria a dor alheia, porque “Cristo encontra-se necessitado quando assim se encontra um pobre”<sup>59</sup>. A Ordem de Santo Agostinho buscou ser coerente com essa opção pelos mais necessitados. O luminoso exemplo de Santo Tomás de Vilanova ou Santo

---

<sup>55</sup> Francisco, “Un plan para resucitar”: *Vida Nueva*, 17 de abril de 2020; Papa Francisco, *Vida após a pandemia*, Vaticano 2020, 43-52.

<sup>56</sup> O pensamento agostiniano sobre a pobreza pode resumir-se assim: "Não ter nada nesta terra em que colocar a esperança, viver do próprio trabalho, contentar-se com pouco, ser alegres pela posse de Deus e total dependência através da Igreja": A. Trapé, *La Regla de San Agustín*, Madrid 1978, 190.

<sup>57</sup> Cf. São Paulo VI, *Homilia de Natal*, 25 de dezembro de 1975; *Audiência geral*, 31 de dezembro de 1975; *Audiência Geral*, 25 de fevereiro de 1976.

<sup>58</sup> Santo Agostinho, *Sermão 355*. Para Santo Agostinho, possuir o que é supérfluo é uma forma de roubar. Cf. *Comentários aos Salmos*. 147, 12; *Sermão 206*, 2.

<sup>59</sup> Santo Agostinho, *Sermão 38*, 8; cf. B. Kloppenburg, “Opción preferencial por los pobres”: *Medellín 5* (1979) 323-356.

Alonso de Orozco marcam uma constante, que em nossa época se desenvolve na reflexão iniciada na Ordem com o Concílio Vaticano II. No chamado *Documento de Dublin*, fruto do Capítulo Geral Intermédio de 1974, pede-se ir além da mera pobreza jurídica e assumir a causa do necessitado defendendo seus direitos sociais e, às vezes, compartilhando a pobreza com o pobre<sup>60</sup>. Anos depois, em outro Capítulo Geral Intermédio, neste caso reunido no México em 1980, pontua-se que a tarefa evangelizadora dos agostinianos “deve partir e desenvolver-se desde a perspectiva dos pobres” e prosegue: “Somente assim a vida e o trabalho apostólico de nossa Ordem poderá constituir-se como sinal e testemunho autênticos de solidariedade com os pobres neste mundo, e contribuir com a construção de um mundo mais justo e fraterno”<sup>61</sup>. Hoje, na crise que estamos vivendo, necessitamos avançar ainda muito mais, não somente na imprescindível tarefa de conscientização, mas no difícil campo das ações por parte de todos. A realidade do mundo resultante da pandemia exige de nós respostas concretas que não devem dilatar-se no tempo e menos ainda diluir-se em um espiritualismo etéreo ou na mais triste demagogia.

### 2.3.2. Quando param o motor econômico e a atividade mercantil

Certamente a pandemia Covid-19 terá um efeito devastador sobre a economia mundial e pode provocar também uma crise social. Diante dessas previsões a Igreja se mobilizou de forma concreta e efetiva. Na data de 20 de março de 2020 a Santa Sé criou, dentro do Dicastério para o Serviço do Desenvolvimento Humano Integral, uma comissão (*task force*) para a análise e a reflexão sobre os desafios socioeconômicos e culturais do futuro e a proposta de pautas para enfrentá-los<sup>62</sup>. O Papa multiplicou as ajudas e as doações de material sanitário; muitas dioceses e Conferências Episcopais criaram fundos solidários; organiza-se e cresce de forma notável a tarefa assistencial da Cáritas e outras instituições da Igreja; sacerdotes e bispos doam mensalidades e bens; oferecem-se locais e edifícios para fins sociais; promovem-se iniciativas de coordenação.

A pobreza mora ao lado, mas às vezes não a vemos ou não queremos vê-la. Ou melhor, não queremos ser interpelados por ela. O Papa foi muito claro: “Ver os pobres significa devolver-lhes a humanidade. Não são coisas, não são descartáveis, são pessoas. Não podemos fazer uma política assistencialista como fazemos com os animais abandonados. Atrevo-me a dar um conselho. É hora de descer ao subsolo e passar da sociedade hipervirtualizada, sem carne, à carne sofredora do pobre. É uma conversão que devemos fazer. E se não começarmos por aí, a conversão não sairá do lugar”<sup>63</sup>.

Qual é ou qual será nossa resposta diante da crise? Não se trata apenas de “manter-nos à tona”, tentando subsistir com o mínimo de danos, ou de “adaptar-nos” às inclemências atuais ou por vir, sem questionar-nos nada, sem mudar nada, com a mesma vida de sempre, como se nada

---

<sup>60</sup> Cf. "Capítulo Geral Intermédio 1974, Dublin. Documento de Dublin": *Libres bajo la gracia II*, Roma 1999, 91.

<sup>61</sup> "Capítulo Geral Intermédio 1980, México": *Libres bajo la gracia II*, Roma 1999, 110.

<sup>62</sup> Estrutura-se em cinco grupos de trabalho: 1. Para escutar e apoiar as Igrejas locais e colaborar com iniciativas de caridade promovidas por outras realidades da Santa Sé; 2. Para refletir sobre a sociedade e o mundo posterior à Covid-19, particularmente nos setores do meio ambiente, a economia, o trabalho, a saúde, a política, a comunicação e a segurança; 3. Para informar sobre o trabalho levado a cabo pelos grupos e promover a comunicação com as Igrejas locais; 4. Para apoiar a Santa Sé em suas atividades e relações com os países e organismos internacionais; 5. Responsável pelo financiamento para apoiar a assistência da Comissão Covid-19 às Igrejas locais e organizações católicas.

<sup>63</sup> Entrevista realizada por Austen Ivereigh e publicada em 8 de abril de 2020 em diversas *midia*.

tivesse acontecido e fosse possível retornar ao estado anterior. Certamente não podemos permitir-nos dar as costas ao sofrimento de tantas pessoas. Seria não somente um escândalo, mas também um pecado. “Há homens tão nescios que fogem da misericórdia como se fugissem de um vício, porque dizem que se as misérias do próximo não lhes afeta a alma, simplesmente por obrigação não se pode mover para socorrê-las; a estes se deve dizer que mais do que estarem com a serenidade da razão, estão isso sim congelados pelo frio da desumanidade”<sup>64</sup>.

A primeira coisa a fazer, desde a humildade, é um sério exame de consciência, pessoal e institucional. Pode ser doloroso, mas é necessário. Ressoam ainda em nossos ouvidos as palavras do Papa: “Nós avançamos rapidamente, sentindo-nos fortes e capazes de tudo. Gananciosos de ganhos, deixamo-nos absorver pelo material e ficamos transtornados pela pressa. Não nos detivemos diante de teus apelos, não nos despertamos frente às guerras e injustiças do mundo, não escutam o grito dos pobres e de nosso planeta gravemente enfermo. Continuamos imperturbáveis, pensando em manter-nos sempre sãos em um mundo enfermo. Tu nos chamas a tomar este tempo de prova como um momento de escolha. Não é o momento de teu juízo, mas de nosso juízo: o tempo de escolher entre o que conta verdadeiramente e o que passa, para separar o que é necessário daquilo que não é. É o tempo de restabelecer o rumo da vida para Ti, Senhor, e para os demais”<sup>65</sup>.

Depois podemos avançar em várias direções. Tomando medidas concretas e apresentando ações de assistência social e econômica aos desfavorecidos e aos golpeados pela crise (em nossos colégios, paróquias, santuários, centros, etc). Não podemos esquecer a frase lapidar de Santo Agostinho: “Há dois modos de delinquir com o próximo: um, causando-lhe danos e, outro, negando-lhe nossa ajuda quando é possível prestá-la”<sup>66</sup>. Também lutando pela justiça, o que implica a defesa ativa dos direitos dos pobres e o compromisso real contra a pobreza injusta: “Quando o homem tenta dominar os que são por natureza iguais a ele, ou seja, aos homens, isso constitui uma soberba absolutamente intolerável”<sup>67</sup>. E, não menos importante, refletindo sobre nosso estilo de vida e tomando decisões consequentes: aproveitamento de recursos, obras e investimentos, centralização econômica (economia compartilhada), mecanismos de participação e verificação, cuidado da Criação, austeridade de vida (modo de vida, ritmo de consumo), estrutura econômica, etc. “Temos muitas coisas supérfluas se as guardamos como desnecessárias, uma vez que, se buscarmos as frívolas, nada nos basta. Irmãos, reclamai, pedi o suficiente para a obra de Deus, não o que empanturre vossa ganância. Vossa ganância não é obra de Deus. Pedi as coisas que bastam, e vereis como são poucas. As coisas supérfluas dos ricos são as coisas necessárias dos pobres. Possuem-se bens alheios quando se possuem bens supérfluos”<sup>68</sup>. Este discernimento deve ser feito em todos os níveis. Não é fácil, mas se torna imprescindível se desejamos ser coerentes e, portanto, dignos de crédito.

O bispo Mario Grech o expressou com clareza e força: “Sinto a necessidade de compartilhar esta reflexão com vocês já que, devido à atual pandemia, estamos certos de que enfrentaremos uma crise econômica e, muito provavelmente, haverá muitas pessoas na pobreza. Apelo ao Povo de Deus para que “divida o pão” com os pobres. Faço uma especial chamada para aqueles que

---

<sup>64</sup> Santo Agostinho, *Sobre os costumes da Igreja católica* 1,27,54.

<sup>65</sup> *Momento extraordinário de oração em tempos pandemia presidido pelo Santo Padre Francisco, Átrio da Basílica de São Pedro*, sexta-feira, 27 de março de 2020.

<sup>66</sup> Santo Agostinho, *Sobre os costumes da Igreja católica* 1,26,50.

<sup>67</sup> Santo Agostinho, *A doutrina cristã* 1,23,23.

<sup>68</sup> Santo Agostinho, *Comentário ao salmo 147*,12.

disfrutam de certo nível de segurança econômica. Permitam-me sugerir que, no momento, não inventem novas iniciativas para decorar nossas igrejas e sejamos frugais em nossas celebrações festivas para que, pelo contrário, possamos apoiar economicamente os necessitados. Para nós que celebramos a Eucaristia, compartilhar nossa riqueza com os necessitados não tem apenas um aspecto de justiça social, mas também um aspecto cristológico e, portanto, sacramental. Muitos protestaram porque não se permite celebrar missas em nossas igrejas; rogo ao Espírito Santo que nos ilumine para que este entusiasmo por participar na celebração da Missa nos leve a fazer de nossas celebrações eucarísticas uma ação profética que impulse outras pessoas a não “humilhar quem nada tem” (1 Cor 11,22)”<sup>69</sup>.

### 2.3.3. Ecologia integral

Outro aspecto importantíssimo que nos questiona é o que se refere ao cuidado com a Criação. A pandemia Covid-19 nos urge a uma reflexão sobre aqueles aspectos, incluído as causas remotas, que tornaram possível que este vírus se difundisse e causasse danos de um modo devastador. É, de certo modo, uma vingança da natureza? O Papa respondia de forma clara a esta pergunta: “As catástrofes parciais não foram consideradas. Hoje em dia, quem fala dos incêndios da Austrália? Do barco que cruzou o Polo Norte, porque se podia navegar quando o gelo dos glaciares se dissolveram? Quem fala das inundações? Não sei se é a vingança, mas é a resposta da natureza”<sup>70</sup>.

O interesse e a preocupação pelos temas ecológicos estiveram sempre presentes na reflexão cristã, mas hoje se tornam imprescindíveis. Um dos “sinais dos tempos” que São João XXIII convidava a ler e a considerar é sem dúvida a relação do ser humano com o ambiente e o Concílio Vaticano II se referia à pergunta sobre o lugar e a função do ser humano no universo<sup>71</sup>. Não é uma moda, mas uma necessidade, uma urgência da qual progressivamente vamos nos dando conta e que está dentro da própria fé cristã. Não se trata somente de mudança climática, da camada de ozônio, da proteção de espaços naturais ou do aproveitamento dos recursos. São Paulo VI já advertia que o ser humano, “devido a uma exploração desmesurada da natureza, corre o risco de destruí-la e de ser por sua vez vítima desta degradação. Não somente o ambiente físico constitui uma ameaça permanente: contaminações e dejetos, novas enfermidades, poder destruidor absoluto; é o próprio consórcio humano que a pessoa já não domina, criando desta maneira para o amanhã um ambiente que poderia tornar-se intolerável”<sup>72</sup>. Trata-se do lugar do ser humano na Criação e de sua relação com ela, tema que deve se considerar também a partir de uma perspectiva soteriológica e escatológica<sup>73</sup>.

A natureza integra-se a um projeto de amor e de verdade; “reduzir completamente a natureza a um simples conjunto de dados factuais acaba sendo fonte de violência para com o ambiente, provocando, além disso, condutas que não respeitam a natureza do próprio homem”<sup>74</sup>. E isto é o que, lamentavelmente, vem ocorrendo e diante do que devemos reagir. O Papa Francisco fez

---

<sup>69</sup> M. Grech, *Let us not humiliate those who have nothing*, Homily during the Mass ‘In Coena Domini’, Cathedral of the Assumption of Mary, Victoria, 9th April 2020.

<sup>70</sup> Entrevista realizada por Austen Ivereigh e publicada em 8 de abril de 2020 em diversas *midia*.

<sup>71</sup> Cf. *Gaudium et spes* 3.

<sup>72</sup> São Paulo VI, Carta apostólica *Octogesima adveniens*, Roma 1971.

<sup>73</sup> Cf. A. J. Kelly, *Integral Ecology and the Fullness of Life: Theological and Philosophical Perspectives*. Mahwah 2018.

<sup>74</sup> Bento XVI, Carta encíclica *Caritas in veritate* 48, Roma 2009.

desta questão um dos pontos fortes de seu Pontificado, à qual dedicou uma encíclica<sup>75</sup> e à qual se refere com muita frequência. Um dos aspectos fundamentais é o convite a incorporar e a ler o conceito de “ecologia integral” dentro do amplo “magistério social” da Igreja. Efetivamente, o tempo que vivemos se nos apresenta como uma oportunidade para abordar de maneira relacionada os temas sociais e ambientais. A crise atual não é apenas uma crise de saúde, mas também uma crise econômica, ecológica, de segurança (alimentar, cibersegurança), social e política. As soluções não são simples. Por isso, o único modo de abordá-la é reconhecer sua complexidade e procurar fazê-lo de maneira integral<sup>76</sup>. Ou seja, abrir-nos a uma ecologia integral e completa na qual o bem do ser humano seja o mais importante dos objetivos.

A crise resultante da epidemia Covid-19 exige de nós uma verdadeira reflexão que supere o intelectual para abrir-se ao moral. Trata-se da atitude diante da vida (Deus, si mesmo, os seres humanos, o mundo). E somente conjugando o desenvolvimento científico com a dimensão moral seremos capazes de “promover o ambiente como casa e como recurso, em favor do homem e de todos os homens”<sup>77</sup>. Por isso o Papa se refere ao cuidado da Criação como um dom compartilhado e não como uma posse privada. E adverte que a crise ecológica está em último lugar enraizada no coração do homem, em sua ganância, em sua comodidade egoísta e irresponsável, que o levam a controlar e explorar os recursos limitados de nosso planeta, ignorando os membros mais vulneráveis, fomentando a pobreza e o subdesenvolvimento e reafirmando a globalização da injustiça. A violência que existe no coração humano, ferido pelo pecado, também se manifesta nos sintomas de enfermidade que advertimos no solo, na água, no ar e nos seres vivos<sup>78</sup>. Devemos tê-lo muito presente ao refletir sobre a pandemia Covid-19.

Tudo isso nos leva à necessidade de mudança e de conversão. O Patriarca Ecumênico Bartolomeu de Constantinopla, pessoa muito comprometida com as questões ecológicas, dizia que, depois de ter vivido esta tremenda experiência, terminou o tempo das palavras e somente agora podem começar as obras. E clama a toda a humanidade para que “acolha o grito de dor que surge da natureza ferida, desta nossa casa comum, dentro da qual nos convertemos em tiranos e não em bons ecônomos”<sup>79</sup>. Para isso, não podemos limitar-nos a buscar como resolver as questões técnicas ou apenas impulsionar algumas limitadas decisões políticas, jurídicas ou sociais. “Não haverá uma ecologia sadia e sustentável, capaz de transformar algo, se não mudarem as pessoas, se não forem estimuladas a optar por outro estilo de vida, menos voraz, mais sereno, mais respeitoso, menos ansioso, mais fraterno”<sup>80</sup>.

Por isso não podemos senão impulsionar decididamente o caminho iniciado no Capítulo Geral de 2019 que, em sua determinação 31, se comprometia em promover a educação, reflexão e ação de cuidar de nossa casa comum. Mas não bastam boas intenções. Necessitamos ações concretas que procedam de uma autêntica mudança de mentalidade a esse respeito.

---

<sup>75</sup> Cf. Francisco, Carta encíclica *Laudato si'*, Roma 2015. Convém relê-la toda.

<sup>76</sup> Cf. A. Zampini secretário adjunto do Dicastério para o Serviço do Desenvolvimento Humano Integral, entrevista publicada em *Religión Digital* em 4 de maio de 2020.

<sup>77</sup> Pontifício Conselho Justiça e Paz, *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*, Vaticano 2004, 465.

<sup>78</sup> Cf. *Mensagem do Santo Padre Francisco a Sua Santidade Bartolomeu I por motivo do simpósio internacional "Toward a Greener Attica: Preserving the Planet and Protecting its People"*, Roma, 7 de junho de 2018; cf. também São João Paulo II, *Mensagem para a Jornada Mundial da Paz 1990*, 15.

<sup>79</sup> *Mensaje del Patriarca Ecuménico de Constantinopla, con motivo del Día Internacional de la Madre Tierra*, 22 de abril de 2020.

<sup>80</sup> Exortação apostólica pós-sinodal *Querida Amazônia*, Roma, 2020, 58.

## 2.4. Dois acentos

### 2.4.1. Utilidade das redes sociais e das novas tecnologias em nosso apostolado

O Papa insistiu na necessidade de criatividade (“que o Senhor nos dê a todos a graça da criatividade neste momento”<sup>81</sup>), na qual se mostre uma Igreja que, diante de uma crise, vive na liberdade do Espírito e não fechada em instituições. “Temos que enfrentar o fechamento com toda nossa criatividade. Ou nos deprimimos, ou nos alienamos, ou criamos”. E advertia a necessidade de criatividade apostólica, “criatividade purificada de tantas coisas inúteis, mas com saudade de poder expressar a fé em comunidade e como Povo de Deus”<sup>82</sup>. O tempo da pandemia impulsionou caminhos novos na pastoral e também atitudes novas, refletidas na coragem para questionar, para romper moldes, para não nos conformarmos com a rotina (com o “sempre se fez assim”). Pois, para seguir o chamado do Senhor, devemos envolver-nos com todo nosso ser e correr o risco de enfrentar um desafio desconhecido<sup>83</sup>.

A necessidade pastoral nos levou a redescobrir as redes sociais; também se multiplicaram as transmissões por *YouTube* e *streaming*. Apreciamos, de forma generalizada, as oportunidades que as novas tecnologias oferecem não só para a comunicação, mas, sobretudo, para a evangelização e a pastoral. O desafio é o de transmitir o Evangelho e a espiritualidade agostiniana usando a linguagem e as ferramentas da nova cultura da comunicação.

Frequentemente a motivação dos usuários ao aceder às redes sociais é a interrelação em geral, sem um propósito concreto. Nós, de nossa parte, temos um duplo propósito: a vivência da vocação cristã e a evangelização. Por isso se impõe uma reflexão sobre o tema, evitando improvisação e o deixar-nos levar por critérios da moda, protagonismos e autorreferencialidade. O centro é Cristo, a quem seguimos no caminho agostiniano. E o objetivo é que seu Evangelho seja conhecido e melhor vivido. E para isso utilizamos os meios apropriados nesta época. Sem dúvida alguma as “novas tecnologias” constituem um dos sinais dos tempos que é preciso saber ler e interpretar.

Fundamentalmente transmitem-se Eucaristias, orações, (principalmente laudes e vésperas ou o santo rosário), *lectio divina* e comentários da Sagrada Escritura, exposição Eucarística. Tem-se oferecido também formação (teológica, bíblica, agostiniana...); criaram-se espaços de diálogo, apresentando temas concretos e respondendo a questões e perguntas. As possibilidades são enormes. Num relance se descobriu a utilidade das novas tecnologias e das redes sociais, que vieram para ficar. Da chamada “geração digital” passamos à integração de todos. De ser um instrumento utilizado por alguns poucos, ao uso generalizado. Evidentemente há o que aprender. Da mesma forma que se aprendeu o uso da *internet*, agora impõe-se dar um passo a mais. Este é um desafio para o futuro imediato. Não abordar o uso das novas tecnologias significará ficar “desconectado”, perder efetividade apostólica.

Há riscos evidentes. O Papa assinalava alguns: agrupamento em torno a interesses ou temas caracterizados por vínculos frágeis; exclusivismo, recusa de quem não pertence ao grupo; exclusão da heterogeneidade; individualismo desenfreado; fomento do narcisismo. Convertem-

---

<sup>81</sup> Francisco, Missa na Domus Sanctae Marthae, 27 de abril de 2020.

<sup>82</sup> Entrevista realizada por Austen Ivereigh e publicada em 8 de abril de 2020 em diversas *midia*.

<sup>83</sup> Cf. *Mensagem do Santo Padre para a LVI Jornada Mundial de Oração pelas Vocações*, 9 de março de 2019.

se em “eremitas sociais”, com o conseqüente risco de apartar-se completamente da sociedade. “A imagem do corpo e dos membros nos recorda que o uso das redes sociais é complementar ao encontro em carne e osso”<sup>84</sup>. Temos a oportunidade e a necessidade de favorecer o uso positivo. É um tema para aprofundar e desenvolver procurando responder a uma tríplice pergunta: o quê, para quê e como. Assim poderemos avançar numa maior coordenação, melhor qualidade e maior efetividade<sup>85</sup>.

As novas também tecnologias abrem caminho para o diálogo entre culturas e religiões e oferecem a oportunidade de encontrar-se no espaço digital (ciberespaço). É um sinal dos tempos que devemos saber ler e utilizar. Dada a rica variedade de projetos existentes para tornar presente a experiência cristã no mundo digital com qualidade e profissionalismo, é igualmente necessário iniciar e potencializar o trabalho em comum não só por parte dos irmãos e circunscricões da Ordem, mas também entre as instituições da Igreja: “É oportuno estabelecer canais de colaboração que permitam trabalhar eficazmente neste contexto para tornar mais atraente a presença de Cristo e do Evangelho nas redes sociais e aproveitar mutuamente as conquistas com sentido de comunhão”<sup>86</sup>.

#### 2.4.2. Em direção a uma Igreja mais desclericalizada

O tempo de confinamento devido à pandemia Covid-19 favoreceu um aprofundamento no ser da Igreja. Viu-se com clareza, na prática, o que já se sabia teoricamente: Igreja somos todos, não somente os bispos, religiosos e sacerdotes. Mesmo que haja diferentes vocações, todos somos iguais em dignidade e todos somos chamados a colaborar na evangelização para que a Boa Nova chegue a todos os rincões, não só geográficos<sup>87</sup>. Esta crise colocou em evidência, através de sua imensa e generosa ação em alguns momentos dramáticos, que a Igreja é Caritas, Igreja são os sacerdotes e os capelães dos hospitais, os profissionais da saúde, Igreja são os que sofrem e os que rezam, os consagrados e consagradas que ajudam, Igreja são as famílias. Nunca como agora se realizou o sonho do Concílio Vaticano II de uma Igreja doméstica.

Entre os ensinamentos que podemos obter do vivido durante a pandemia está a necessidade de avançar na desclericalização, à qual o Papa Francisco se referiu com frequência como uma das tarefas mais necessárias. E chega a dizer: “Uma das conseqüências de uma má formação que mais me preocupa é o clericalismo. Não há dúvida de que é uma das perversões mais graves da vida consagrada”<sup>88</sup>. Ainda necessitamos mudar mais a mentalidade e estamos diante de uma grande oportunidade para isso: da mesma maneira que não podemos reduzir a Igreja somente aos clérigos e religiosos, tampoco a Ordem de Santo Agostinho se reduz unicamente aos frades. Recordamos o que dizem as Constituições quando assinalam claramente que a Ordem de Santo Agostinho é formada pelos frades, as monjas agostinianas de vida contemplativa, e os fieis

---

<sup>84</sup> Francisco, *Redes sociais e internet, mensagem do Papa para a Jornada Mundial das Comunicações Sociais*, 24 de janeiro de 2019.

<sup>85</sup> “O anúncio de Cristo no mundo das novas tecnologias requer conhecê-las em profundidade para depois usá-las de maneira adequada: Bento XVI, “*Novas tecnologias, novas relações. Promover uma cultura de respeito, de diálogo, de amizade*”, *XLIII Jornada Mundial das Comunicações Sociais*, 24 de maio de 2009).

<sup>86</sup> Conclusiones del Encuentro Ibérico 2013 de las Comisiones de Medios de Comunicación Social de las Conferencias Episcopales de España y de Portugal, La Seu D’Urgell 3-5 de junho de 2013.

<sup>87</sup> Cf. *Lumen gentium* 32.

<sup>88</sup> Papa Francisco, *La fuerza de la vocación. La vida consagrada hoy. Una entrevista con Fernando Prado*, Madrid 2018.

leigos adscritos a Fraternidades seculares agostinianas, legitimamente erigidas<sup>89</sup>. O caminho a seguir avançando refere-se sobretudo à formação, à participação e ao apostolado. E, em definitiva, a aprofundar no sentido de Ordem também neste projeto. Um caminho iniciado há alguns anos mas que necessita de um maior impulso, mais ousadia e maior convencimento.

Robert Prevost, assinalava com acerto: “Nosso amor a Deus, nosso desejo para entrar em diálogo uns como os outros e com os leigos, e nosso trabalho pela justiça ao lado dos marginalizados, os excluídos, os pobres de hoje – estes são os elementos que abrirão nossa mente ao que o Espírito está nos dizendo. Com reverência por nossa herança agostiniana e com nosso compromisso para renovar-nos a nós mesmos enquanto nos preparamos para o futuro, nossas vidas e nossas comunidades serão transformadas, como se uma vez mais escutássemos de novo aquelas palavras: Vem e segue-me”<sup>90</sup>.

Toda resposta aos desafios resultantes da pandemia, sem dúvida alguma, deve ser comunitária. Tanto se olharmos para dentro da Ordem (maior integração entre frades, monjas e leigos), como para fora (colaboração com outras estruturas de vida consagrada, eclesiais, interreligiosas; colaboração com a sociedade civil e os governos). Se nos sabemos e nos sentimos membros de uma grande família, então ganham sentido termos como solidariedade, ajuda, envolvimento, sacrifício, participação, etc. Então, unidos a Cristo, ganha sentido a caridade.

### 3. UM OLHAR A PARTIR DA ESPERANÇA

Um arcebispo e teólogo escreveu um texto que conserva uma surpreendente atualidade: “Temos que aprender a considerar as dificuldades destes momentos como uma oportunidade de purificação, de fortalecimento espiritual e apostólico de nossa Igreja, como um chamado de Deus à conversão pessoal, um forte convite para voltar às raízes de nossa fé e de nossa vida, para viver com maior despreendimento e com uma valorização maior de nossa fé e dos dons de Deus que temos que viver e que também devemos oferecer aos demais, saindo de nosso comodismo, de nossa apatia e de nossos medos e inseguranças. [...] Vivemos tempos de provação, façamos que, com a ajuda de Deus, se convertam em tempos de renovação, tempos de evangelização, tempos de regeneração moral da sociedade, tempos de convivência, de paz e prosperidade. Sejamos fermento de paz e confiança. No nome e com a ajuda do Senhor”<sup>91</sup>.

A espiritualidade agostiniana, cristocêntrica e eclesial, é comunicadora de esperança e de entusiasmo para o futuro. O realismo nos leva a constatar as dificuldades e sombras de nossa época, mas, na medida em que nos envolvemos na busca de soluções, abrimos uma dinâmica renovadora que se inicia com a própria conversão: “Vós dizeis: os tempos são difíceis, os tempos são duros, os tempos abundam em misérias. Vivei bem e mudareis os tempos com a vossa vida boa; mudareis os tempos e não tereis do que murmurar”<sup>92</sup>.

O futuro da Ordem de Santo Agostinho terá perfis muito diferentes dos que hoje conhecemos. Mas isto não é motivo de temor e muito menos de desalento, mas todo o contrário. Pode ser um

---

<sup>89</sup> Cf. *Constituições* 40.

<sup>90</sup> R. Prevost, *Homília durante a Missa de encerramento do Capítulo Geral Ordinário*, Roma 21 de setembro de 2007: Acta OSA 59 (2007) 114.

<sup>91</sup> F. Sebastián, *Situación actual de la Iglesia. Algunas orientaciones prácticas. Carta del arzobispo de Pamplona y obispo de Tudela*, 17 de março de 2007.

<sup>92</sup> Santo Agostinho, *Sermão* 311,8.

estímulo para retomar a autenticidade do carisma agostiniano. A partir de uma vida mais simples, mais autêntica e mais apaixonada, poderemos oferecer uma resposta clara e enormemente atraente para a pavorosa solidão das pessoas e para o terrível vazio das consciências numa sociedade sacudida pela dor, o medo e a morte. A pandemia Covid-19 pede, exige de nós uma resposta corajosa e criativa.

Finalizamos estas reflexões com o formoso texto dos Solilóquios e dizemos com Santo Agostinho: “A Ti invoco, Deus Verdade, em quem, de quem e por quem são verdadeiras todas as coisas verdadeiras. Deus, Sabedoria, em Ti, de Ti e por Ti sabem todos os que sabem. Deus, verdadeira e suprema Vida, em quem, de quem e por quem vivem todas as coisas que plena e verdadeiramente vivem. Deus Felicidade, em quem, de quem e por quem são felizes quantos são felizes. Deus, Bondade e Beleza, princípio, causa e fonte de tudo o que é bom e belo. Deus, separar-se de Ti é cair; retornar para Ti, levantar-se; permanecer em Ti é achar-se firme. Deus, dar-te as costas é morrer, voltar a Ti é reviver, morar em Ti é viver. Deus, a quem ninguém perde sendo enganado, a quem ninguém busca senão estimulado, a quem ninguém acha senão purificado. Deus, deixar-te a Ti é caminhar para a morte; seguir-te a Ti é amar; ver-te é possuir-te. Deus, a quem nos desperta a fé, levanta a esperança, une a caridade. Invoco-te a Ti, Deus, por quem vencemos o inimigo”<sup>93</sup>.

---

<sup>93</sup> Santo Agostinho, *Solilóquios* 1,1,3.